

**VEREADOR ROBERTO ROBAINA (PSOL) – Comunicação de**

Líder: Ver. Brum, Presidente; vereadores, vereadoras; nosso Ver. Bosco, tentando usar a palavra no plenário; telespectadores da TVCâmara, eu estava escutando algumas intervenções do Carús, do Ricardo Gomes, sobre as movimentações do governo. Eu tenho ficado muito preocupado, porque eu vejo, de fato, a cidade desassistida, abandonada, e o governo, ao invés de atuar para amenizar os problemas, tem atuado para agravá-los. Agora, nós

tivemos o caso da ocupação Baronesa, que é num lugar que antes era conhecido como a cracolândia da Baronesa, ficou durante dez anos sem utilização pública nenhuma e as famílias ocuparam, deram um sentido para o local, garantiram uma moradia digna, começaram a valorizar, estabeleceram uma relação de parceria com a vizinhança; e a atitude do governo municipal, ao invés de valorizar a ação das famílias, foi de organizar o despejo delas, expulsando-as desse local, que poderia ser, por que não, utilizado para moradia popular, já que ficou, durante dez anos, sem utilização nenhuma, sem que a Prefeitura desse bola para esses imóveis. Então, a cidade, de fato, está abandonada.

Eu quero, neste tempo de Liderança, fazer uma consideração sobre a política nacional. O Ver. Marcelo Sgarbossa se referia aos acontecimentos de ontem a partir das revelações do The Intercept Brasil, que é um *site* de alta qualificação, um dos melhores *sites* de jornalismo em nível internacional. O jornalista Glenn Greenwald foi um dos responsáveis pela operação que revelou ao mundo os escândalos envolvendo o serviço de segurança dos Estados Unidos a partir das revelações do analista de sistema, o Snowden. Tem um filme que mostra como foi esse processo, um filme belíssimo, nunca é demais recomendar que as pessoas assistam a este filme. O filme Snowden ganhou muitos prêmios, o Glenn ganhou o prêmio de jornalismo internacional pela cobertura daquela ação e o Glenn foi agora quem comandou essa revelação, essa divulgação das relações entre o juiz Sergio Moro e o procurador Dallagnol. Relações ilegais evidente, qualquer um que acompanha e que conhece minimamente o direito sabe que um juiz não pode atuar em parceria com o procurador, o juiz tem que ter a imparcialidade no caso, o juiz tem que julgar e não atuar como parceiro do procurador. E o juiz Sergio Moro, na verdade, mais do que juiz, atuou como chefe da operação de investigação que, previamente, condenou e

buscou condenar àquele que ele considerava o principal responsável político da operação, que era o ex-presidente Lula.

E nós sabemos que o Sergio Moro, depois de juiz, virou ministro do Bolsonaro. Nós temos acompanhado o que significa o governo Bolsonaro, não é uma novidade para nós. O Bolsonaro, na campanha, revelou o seu caráter obscurantista, as suas posições reacionárias, as suas posições fascistas contrárias à liberdade de imprensa, contrárias à livre organização. E o governo não foi diferente, o governo começou com ataques a todo tipo de livre iniciativa, de livre organização, começou com o ataque violentíssimo contra a educação pública,

contra as nossas universidades, contra a pesquisa, contra a ciência, contra a tecnologia, contra a cultura. Essa já foram as primeiras medidas do governo Bolsonaro, e o Sérgio Moro aceitou ser ministro do Presidente Bolsonaro. Naquele momento, quando ele aceita ser ministro do Presidente Bolsonaro, ficou absolutamente evidente as suas posições políticas de extrema direita, ao aceitar ser ministro do Bolsonaro, independentemente de que depois o Bolsonaro tenha dito publicamente que a recompensa pelo ministério seria, dois anos depois, o Moro entrar para o Supremo Tribunal Federal. Então, são relações absolutamente ilegais, relações não republicanas no sentido de que as leis não permitem que essas relações sejam estabelecidas. E essas relações foram estabelecidas de modo absolutamente irresponsável! E as revelações do Intercept mostram isso. Isso é grave porque é evidente que a atuação do Moro como juiz foi marcada pela sua ideologia política. Eu e quem acompanha as posições do PSOL, bem como as minhas posições, sabem – o Mauro Zacher conhece bem – que nós saudamos quando a Lava Jato desnudou os esquemas de corrupção, envolvendo todos os partidos que governaram a Nova República: PP, PSDB, DEM, PT, PTB, todos acabaram relacionados com os empreiteiros que eram os grandes corruptores. Isso já vinha desde o regime militar, as mesmas empreiteiras, a Odebrecht ganhou sua força já no regime militar, e eles eram os corruptores de todo o sistema partidário que aceitou fazer o jogo dessas empreiteiras, com isso inclusive exportar capital das empreiteiras, exportar corrupção, como a gente viu no Peru, na Venezuela, em El Salvador. Então o esquema de corrupção foi generalizado, e o sistema político todo se envolveu. Agora, qual foi a tragédia? Desse ponto de vista, o Moro e o Dallagnol são os que, no final das contas, por incrível que pareça, por misturarem o seu trabalho de procurador e de juiz com a sua ideologia política

reacionária, passaram a selecionar; portanto, a corrupção de uns valia mais que a corrupção de outros; a perseguição a alguns tinha que ser maior do que a perseguição a todos. E acabaram selecionando o PT, na seleção ao PT, acabaram selecionando o Lula, atuaram, inclusive, no processo eleitoral, como as revelações do The Intercept Brasil mostraram e vão mostrar ainda mais. Então, atuaram como políticos e não, como procuradores ou como juízes. Acabaram, na prática, portanto, liquidando a própria qualidade da Operação Lava Jato, como uma operação para rebentar com os esquemas de corrupção, de tal forma que, inclusive, aqueles corruptos de todo tipo, que sempre se envolveram em esquemas de corrupção, agora vão aproveitar para tentar um “salvem-se todos, um aproveitemos todos o momento”, porque, de fato, o juiz Sérgio Moro e o Deltan Dallagnol deram essa enorme brecha, mostrando que a sua intenção política atuou em uma operação que teria que ser uma operação, de fato, para combater a corrupção, e acabou não sendo; acabou sendo uma operação cujo resultado foi, inclusive, a interferência no processo eleitoral.

Agora nós estamos numa crise, num impasse no País. É evidente que o País está num impasse, nós temos, em primeiro lugar, um governo despreparado, um governo cuja ideologia, em único projeto que tem, é buscar liquidar as possibilidades da livre organização da sociedade, do movimento estudantil, do movimento sindical, do movimento popular, a única lógica que o Presidente Bolsonaro consegue desenvolver é a lógica da repressão, da perseguição. Como, na situação política nacional, não é só a vontade do Bolsonaro que opera, como no Brasil há resistência, há cultura, há tradição democrática – não é muito grande, precisamos reconhecer, mas ela existe –, não é só o Bolsonaro que joga, e o Brasil segue numa situação de muito conflito e não tem um governo capaz de conduzir o País para um processo de desenvolvimento. Isso é um fato. Ou seja, não há nenhuma possibilidade de este governo conduzir o País para um processo de desenvolvimento, de tal forma que, em algum momento, de modo mais sério, será preciso discutir qual o caminho a seguir. Se vai ser uma antecipação do processo eleitoral, se o País vai ter que suportar mais três anos e pouco de um governo despreparado e, ao mesmo tempo, obscurantista, com um Congresso Nacional bastante desprestigiado, e agora, também, com um sistema Judiciário absolutamente questionado. Então, nós estamos, sim, diante de uma crise grave, e, do nosso ponto de vista, nós queremos ajudar o País a superar a crise, mas, para que ela seja superada, é preciso, em

primeiro lugar, buscar identificar as razões dessa crise, quem são os responsáveis, e não aceitar a lógica daqueles que tentam utilizar as instituições para os seus interesses políticos. Infelizmente, nós vimos que foi isso que ocorreu com a experiência do ex-juiz, Sérgio Moro, e atual Ministro da Justiça do Presidente Bolsonaro. Muito obrigado.

(Texto sem revisão final.)